



bre homem e prestavel, acompanhava-o sempre quando tinha de sair de noite. Deixassem lá». Entretanto o sineiro ia-se afastando cada vez mais dos vizinhos que solícitos buscavam penetrar-lhe o isolamento e tudo atribuíam a remorsos pela morte da mulher.

Era a mais linda do sitio, a do Cristovam. Morreu tinha a filha doze anos. E ha oito que ele media a sua ausencia por uma saudade sem fim que na bondade e na lindeza da filha andava crescendo.

Agora sentia bem, que a filha acabava do mesmo mal.

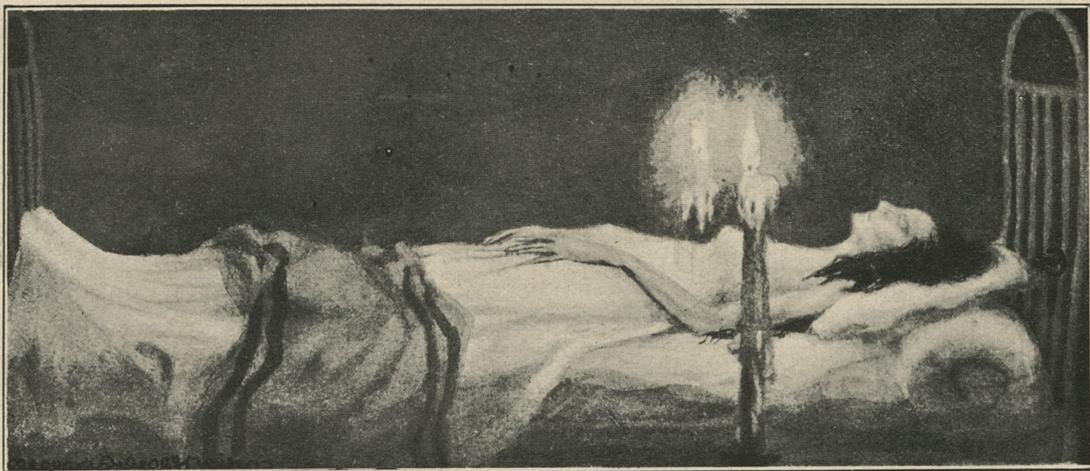
Desde que a mulher adoecera nunca mais haviam ficado juntos. Mas ela sabia tudo, escutava

E se alguém o encontrava e condoido, inquiria da razão do seu tormento, o sineiro seguia mudo, a chorar um choro convulso de odio, alucinado, ouvindo em seus soluços longos repiques festivos fendendo a sua tristeza.

Tempos depois, a morgada porque a tísica se sentisse prender mais dentro do peito, mandou chamal-o de noite.

Não o achou o creado e viu o casebre aberto. Quando disseram á filha que o pae desaparecera, ela teve um arripio, aconchegou mais a roupa.

De manhã, na brancura do lençol escorria uma mancha inerte de dedos e a cabecita pendia sob o cabelo esmanchado, placida e tranqüila.



tudo até ao ultimo passo nas pedras, já longe, ao dobrar para o lado da torre. E chorava olhando a filha esbelta que ia alvorecendo em graça, e fazia côro com ela pedindo ao pae que não tornasse a sair de noite porque se tolhiam de medo, sosinhas no amor uma da outra.

Agora notara que tambem a filha começara a definhar, a não tirar os olhos d'ele, a pedir-lhe que não saísse de noite. E para a não ouvir e para enterrar a lembrança da mãe no esquecimento da filha, foi que pediu que lh'a levassem.

Desvendava-se o segredo.—Porque ela fugia d'ele e escondia-se sob a roupa quando o sentia de madrugada pé ante pé entrando.

Quando chegava ao pé da filha e lhe tomava as mãos cujos dedos pendiam transparentes, nos sulcos azues das veias em que o sangue mal falava, onvia todo o remorso do seu destino infeliz.

Nascera para matador. Morrer-lhe a mãe de parto. Depois a mulher finara-se com medo d'ele, odiando-o. E a filha agora lá ia, não lhe podia valer:

Pelo caminho, na volta, as lagrimas estagnavam-lhe nas rugas fundas do rosto. Não atinava com a razão da sua desgraça, ia aos bordos, arrastando-se, sem dar pelos que passavam.

Soube-o o sineiro que ora dormia na torre, e não quiz tocar o sino, nem á noite apareceu para velar o caixão.

Foi na manhã seguinte que os homens da confraria acharam enrodilhado junto á porta da torre o cadaver do Cristovam.

Disse-me ha pouco a morgada quando passava da missa que a torre tem uma historia.

E como eu lh'a perguntasse a dona persignou-se.

Tambem eu tenho a certeza de que o diabo se acoita na velha torre morena.

Em pequeno me contavam que ninguem queria ser sineiro d'ela.

E lembra-me que se dizia que quem se aproximasse a horas mortas da noite veria o fogo jorrande pelas frestas.

Sineiro que entrasse ou fazia pacto com o diabo ou não duraria um ano.

Não seria bem por isto.

Mas, fosse pelo que fosse, o Cristovam lá ficou hontem perto da mulher e da filha, ele que tinha sestro de matador.»

NUNO SIMÕES.

